



Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Servidores Públicos do Município de Indaial - SC

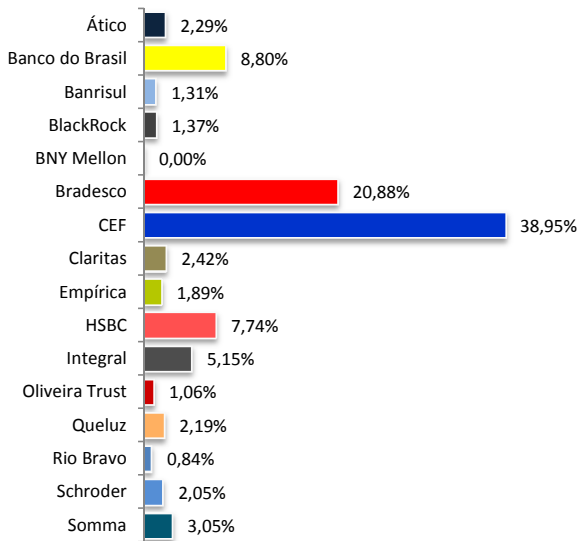
Relatório da Carteira de Investimentos

JANEIRO

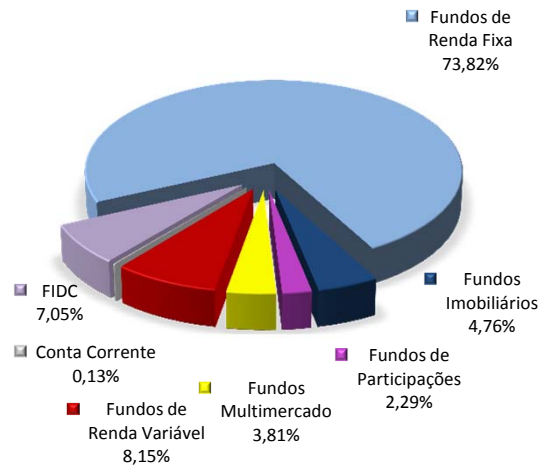
Os recursos do INDAPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

Distribuição por Instituição Financeira



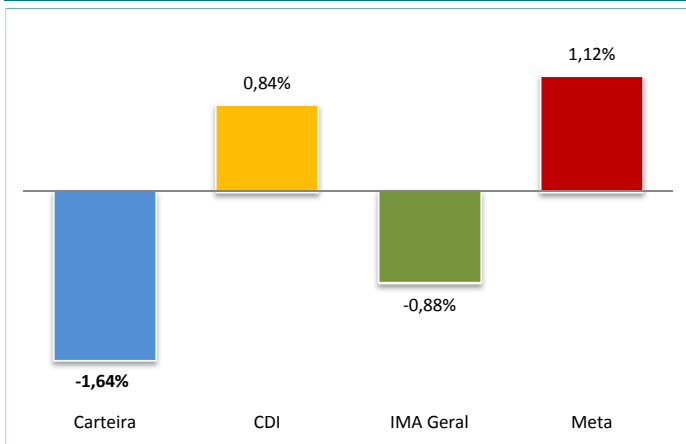
Distribuição da Carteira de Investimentos



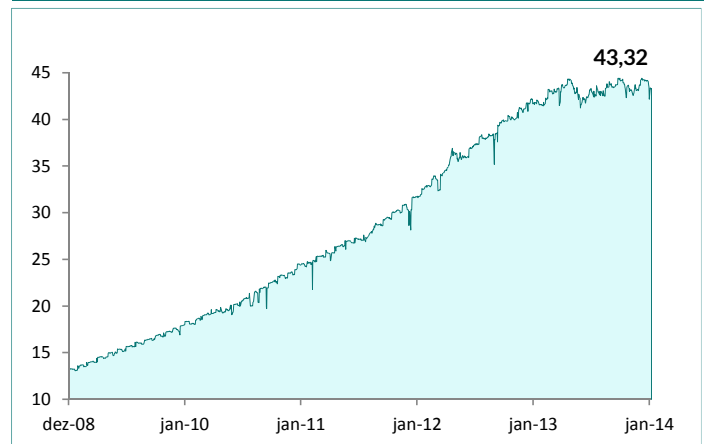
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

	COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
<b>INDAPREV</b>		<b>-1,64%</b>	<b>-1,64%</b>	<b>-7,85 %</b>
CDI		0,84%	0,84%	8,29%
IMA Geral		-0,88%	-0,88%	-2,63%
Meta Atuarial (INPC + 6%)		1,12%	1,12%	11,49%

Carteira x Indicadores em 2014



Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do INDAPREV tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.

## Análise Macroeconômica

A economia americana durante o mês de janeiro literalmente esfriou. Tanto os resultados antecedentes como os dados do mercado de trabalho mostraram uma força menor. Ao que tudo indica foi realmente o frio – o inverno mais rigoroso com uma série de nevascas – que causou os resultados piores do que o esperado. A grande prova disso é que os dados de confiança do empresário e dos consumidores continuam vindo em patamares elevados, mostrando que a percepção da população é de melhora do quadro econômico. Além disso, a geração menor de vagas vem sendo suficiente para reduzir a taxa de desemprego, que caiu de 6,7% para 6,6%. Neste contexto, o Federal Reserve manteve o processo denominado Tapering, (que nada mais é do que reduzir suas compras de ativos, induzindo o mercado a acreditar em juros menores no longo prazo) e decidiu reduzir a compra de US\$75 bilhões para US\$65 bilhões por mês. Mais do que isso: o BC americano deixou muito claro em sua Ata que os próximos passos serão na direção de manter o ritmo de diminuição em US\$10 bilhões por reunião, retirando os estímulos totalmente até o final deste ano.

Na Europa a situação deste primeiro mês foi marginalmente melhor em comparação ao ano de 2013. De fato, a economia europeia ainda não possui força para sair de forma rápida de seu processo de recessão, porém é esperado que cada vez mais haja recuperação de seu crescimento. O que continua complicando a situação por lá é a inflação muito baixa (0,8% a.a.) e o desemprego muito elevado (12%). O grande problema desta combinação é que estas duas variáveis se reforçam e, sem que um choque positivo venha de fora (como uma intervenção do governo, ou um aumento forte das exportações para outro país), as chances de a situação econômica europeia melhorar são muito baixas. Em uma situação onde não há espaço para estímulo fiscal, e que o mundo não está em sua melhor fase de crescimento, o principal fator para ajudar a economia europeia é a política monetária. Neste sentido, o BCE (Banco Central Europeu) já sinalizou que poderá colocar mais estímulos à mesa se os dados continuarem vindo piores que o esperado.

Na China, o resultado preliminar do PMI do mês de janeiro muito abaixo do esperado, sugerindo retração da atividade industrial, foi o gatilho para disparar no mercado uma aversão exagerada aos países emergentes. Também colaborou para a ocorrência deste evento um relatório de uma grande asset internacional, realçando uma série de problemas da economia brasileira. Estes dois acontecimentos foram o suficiente para o mercado passar a entender que as economias emergentes estariam em uma situação de fragilidade elevada e que a retirada de estímulos americanos poderia causar uma forte ruptura nestes países, levando os investidores a vender os ativos e moedas de diversos países emergentes. Não foram apenas um, dois ou três países que sofreram com este evento: Turquia, Tailândia, Argentina, África do Sul, Índia, Indonésia, Venezuela, Ucrânia, México, Rússia, Chile e Brasil tiveram em diferentes medidas suas moedas desvalorizadas de forma repentina. É claro que cada país possui um grau de fragilidade diferente, e que não se pode colocar Venezuela e Argentina na mesma cesta de Brasil e Chile ou Rússia e Índia. A verdade foi que houve um exagero, que nas últimas semanas passou a ser revisto e aos poucos está sendo devolvida a tranquilidade aos países emergentes.

No Brasil, logo no início do ano, o Ministro da Fazenda Guido Mantega fez questão de divulgar antecipadamente o superávit primário do governo central, para, segundo sua própria fala, acalmar os “nervosinhos”. O Brasil iniciou 2013 com uma meta de superávit de 3,1% do PIB. Após realizar alguns descontos referentes aos investimentos do PAC, e considerar que os resultados dos estados e municípios não precisariam ser contabilizados em conjunto, o governo alcançou apenas 1,6% do PIB de superávit e ainda por cima se deu por satisfeito. Ocorre que em um cenário de inflação pressionada, o atingimento da meta de superávit – sem deduções – é o mínimo que se poderia esperar do governo brasileiro. A reação do mercado aos dados acabou sendo muito negativa, e fez com que o governo não divulgasse a meta para 2014. A divulgação deve ocorrer em fevereiro, e esperamos que seja de algo entre 1,5% e 2,0% do PIB, e que o governo não consiga cumpri-la. Também foi destaque no mês de janeiro uma nova elevação da taxa de juros básica da economia brasileira – a Selic – de 10% para 10,5%, conforme nossa expectativa. A ata da reunião de janeiro deixou claro que haverá uma nova elevação em fevereiro, que, em nossa visão, deve ser de mais 0,5 ponto base, atingindo 11%.

## Renda Fixa

A ata da reunião do Comitê de Política Monetária de janeiro levou o mercado ao consenso de que o ciclo de aperto monetário está próximo de seu fim. Por outro lado, o nervosismo do mercado internacional com os emergentes teve reflexos no Brasil, com os investidores exigindo maiores prêmios na curva de juros. No fechamento do mês, as NTN-Bs mais longas (vencimentos a partir de 2035) já pagavam juro real acima de 7% ao ano. Nem o IPCA 15 divulgado abaixo do esperado foi suficiente para acalmar os ânimos. Assim, o início do ano também foi de perdas para a renda fixa nos segmentos de indexados à inflação e de prefixados, com o IMA-B desvalorizando-se 2,55% e o IRF-M caindo 0,18%, enquanto o CDI rendeu 0,84%.

Como consequência, o IMA-B, subíndice da família IMA que expressa a rentabilidade dos ativos atrelados à inflação (NTNs-B), assinalou variação de -2,55% no mês. O IMA-B 5, subíndice que expressa a variação dos títulos com vencimento em menos de 5 anos, assinalou variação de 0,79% no mês, enquanto o IMA B 5+, subíndice que expressa a variação dos títulos longos (com cinco anos ou mais), assinalou variação de -3,82%.

O IRF-M, subíndice da família IMA que expressa o retorno dos ativos prefixados (LTNs e NTNs-F), assinalou variação de -0,18% no mês. O IRF-M 1, subíndice que expressa a variação dos títulos prefixados com menos de um ano, assinalou variação de 0,39%, ao passo que o IRF-M 1+ assinalou variação de -0,52%.

O IMA Geral, índice construído pela média ponderada dos subíndices da família IMA, assinalou variação de -0,88% no mês de janeiro de 2014.

Por fim, o CDI (Certificado de Depósito Interbancário) assinalou variação de 0,84% no mês de janeiro.

## Renda Variável

Com desempenho negativo, quase histórico, o Ibovespa registrou queda de 7,51%, a segunda pior na história para um mês de janeiro, perdendo apenas para o ano de 1995, quando o recuo foi de 10,77%. Diferentemente dos demais meses de queda, janeiro mostrou-se negativo em diversos setores e até mesmo as companhias mais conservadoras obtiveram quedas generalizadas, desde as blue chips, até as menos líquidas. Os dados de crescimento chinês (abaixo das expectativas) e a crise relacionada aos emergentes, com forte fuga de recursos, trouxeram certo “pânico” aos investidores, e seja por stops nas posições ou por medo do que virá a frente, foram determinantes para o fatídico mês na bolsa brasileira. Nem mesmo o movimento de recuperação na economia americana foi capaz de amenizar as perdas. No mês de janeiro, o movimento de retirada de capital da bolsa por parte dos estrangeiros mostrou em parte a insatisfação destes investidores em relação à condução das políticas fiscal e monetária, e principalmente a ingerência sobre setores e companhias cuja representatividade no país é determinante para o rendimento do índice.